

“MBYÁREKÓMEME É O LUGAR QUE A GENTE VIVE A NOSSA CULTURA”: O “LUGAR” COMO CULTURA MATERIAL PARA OS GUARANI DO LITORAL SUL

VANDERLISE MACHADO BARÃO*

RESUMO

Este artigo pretende expressar um pouco da vivência que os Guarani têm de seu território e a sua visão de patrimônio sobre essa terra de Guarani – *Mbya retã* – assim como a sua expressão sobre a paisagem construída por eles para se tornar um “lugar para viver”. A principal área citada corresponde à Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina, já que lá se desenvolveu recentemente uma pesquisa para compor o Estudo de Impacto Ambiental de uma obra da Eletrosul, que atingirá áreas indígenas e seu patrimônio. Dessa forma, é importante perceber como esses povos constroem sua relação com a terra em que vivem e quais os impactos que as obras de engenharia causam em sua visão de mundo.

No litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, encontram-se dois grupos Guarani vivendo num território misto e fragmentado. São eles os Mbyá e os Chiripá. No Rio Grande do Sul há uma concentração maior de Mbyá, mas em Palhoça – SC, a matriz é Chiripá, sobreposta pelos Mbyá, que se misturaram em alianças de parentesco e casamentos.

As áreas ocupadas por esses grupos são descontínuas, já que são de aldeias entrecortadas pelos núcleos da sociedade nacional – cidades, vilas, etc. – no entanto essas aldeias são todas interligadas pelo parentesco e pelo “modo de ser”. Essas áreas são preferencialmente dentro da mata atlântica, ou nas beiras de estradas, porém a relação com o “território Guarani” e com os “lugares” dentro da mata, onde devem ser desenvolvidas atividades ou simplesmente preservação, são relações culturais e pessoais. É o território e a paisagem construída pelos Guarani que está em jogo na hora de decidir onde fazer a aldeia – *tekoá* – e onde ir morar.

* Mestre em História Ibero-Americana – PUCRS; arqueóloga pesquisadora – NUPArq/UFRGS; e-mail: vandermbya@yahoo.com.br

Mesmo aqueles indivíduos que não estão nas áreas indígenas reconhecidas pela FUNAI reconhecem essa paisagem, indicam lugares e exploram essa mata de maneira efetiva e social. A matriz social das comunidades balneárias de Palhoça trazem essa marca Guarani. Lá moram e interagem na natureza indivíduos que têm herança cultural geralmente Chiripá, mesmo tendo se misturado com outras etnias e se miscigenado, mantêm muitos dos laços ligados ao “lugar” e se remetem ao passado indígena como seu patrimônio.

Este estudo vem analisar essa relação entre povo e paisagem, território e natureza não só como um lugar para morar e produzir, mas como um elemento fundamental para construir uma sociedade propriamente dita, um elemento material de cultura, que reproduz o seu *ethos* e que pode ser representado como patrimônio cultural de um povo, que interage com essa natureza, transformando-a em objeto de cultura e história.

A natureza, a partir do momento em que é pensada por alguém, ou imaginada, deixa de ser “natural” para ser cultural; passa a ser significada, e isso muda toda a lógica do espaço, muda o pensamento sobre um território e o transforma em lugar, em terra de alguém. Para os Guarani, as áreas florestadas, principalmente as áreas que comportam a mata atlântica, são ainda o que resta da “terra de Guarani” e nelas é projetado todo um imaginário sociocultural que transforma essas paisagens ou territórios em lugar de Guarani e de seus mitos, seus espíritos, seus sonhos.

A escolha dessa temática veio em função de meu trabalho junto aos Mbyá Guarani no Rio Grande do Sul e a implantação das escolas indígenas, pois me deparei com inúmeras situações em que as preocupações dessas comunidades eram principalmente voltadas para a manutenção de sua cultura e a conservação de áreas florestadas. Os Guarani se preocupam deveras com a situação das matas e dos rios, pois sua cultura e seu modo de vida estão intrinsecamente ligados à natureza, e quando esta “adoece”, eles também perdem a saúde. Também pude observar esse tipo de preocupação durante a execução de um estudo de impacto ambiental junto às comunidades Guarani do litoral de Santa Catarina. Na nossa pesquisa de campo¹ pudemos observar a importância da mata e de alguns lugares específicos na Serra do Tabuleiro, e sua preocupação com o desmatamento causado pelas obras públicas e com a interferência que esses elementos externos causam na estrutura social e educativa dessas comunidades.

¹ Digo “nossa pesquisa”, porque foi elaborada por um GT, que produziu o relatório de estudo do componente indígena para a FUNAI, a serviço da Eletrosul.

Os indígenas, como qualquer outra sociedade humana, sofreram e sofrem mudanças em sua cultura, recriando dessa forma novas identidades e novos valores culturais de acordo com as relações interétnicas a que estão sujeitos, bem como com as próprias mudanças internas que ocorrem com a aquisição de novas tecnologias criadas e/ou adquiridas, sem, contudo deixarem de pertencer ao grupo étnico ao qual se identificam².

Partindo dessa premissa, pode-se dizer que o ser humano é um ser cultural, pois, munido da capacidade de pensar, de induzir ou deduzir, de abstrair, de comparar e de elaborar juízos críticos, ele é capaz de organizar intencionalmente o seu mundo e de construir culturas. O homem insere-se existencialmente no mundo físico-geográfico e no mundo biológico. Mas a sua natureza não se esgota, porém nessa esfera ele ultrapassa esses dois horizontes e se afirma como realidade geográfica, sem se esgotar nela, e como realidade biológica, não sendo ele apenas um animal, mas dotado de racionalidade. Dessa forma, é possível compreender que a natureza tocada ou mesmo imaginada pelo homem é também culturalizada, e portanto, “personalizada”, nominada pelo homem e para os fins que este designar. Essa natureza deixa então de ser “natural” para ser cultura, ela se transforma em paisagem, em território, em espaço de cultura, portanto tem significado e torna-se símbolo, dentro de nossa percepção humana. No entanto, esses significados serão variados, de acordo com a cultura a que eles se destinam, pois as culturas e sociedades humanas são variadas e construídas pelos mesmos símbolos que as compõem. Segundo Geertz (1989), “a cultura deve ser vista como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento”; por mecanismos de controle o autor entende palavras, gestos, desenhos, sons musicais, objetos ou qualquer coisa usada para impor um significado à experiência.

Os Guarani não são diferentes na construção de sua sociedade e do seu patrimônio cultural, no entanto a maneira como entendem a natureza e a cultura contrasta com a forma como a sociedade ocidental moderna a entende. Diante desse impasse de diferenças entre culturas, percebe-se que os espaços ocupados pelos indígenas nem sempre são manejados de acordo com o que espera a sociedade moderna, e esses

² Isso ocorre devido ao controle cultural que o grupo possui, conforme Bonfil Batalla: *el control cultural, en torno al cual me parece posible la construcción de un modelo más global en el que el grupo, la cultura y la identidad se relacionan internamente (dentro de la propia unidad étnica) y, al mismo tiempo, pueden entenderse en su relación con otros grupos, sus identidades y sus culturas.*

impasses se dão principalmente quando se trata de áreas de conservação ambiental. Estas, por ironia, se encontram exatamente naqueles lugares indicados pelos Guarani como *Mbyá retã* – terras de Guarani – como sendo parte de um grande território que foi sendo ocupado pela expansão colonial e que hoje se encontra fragmentado, sobrando apenas alguns pedaços de mata, onde os Guarani buscam assentar-se e onde se criam os parques ambientais.

Dessa forma, conforme os relatos de alguns Guarani, se fossem exigir sua terras conforme a ancestralidade, estas seriam praticamente toda a região platina, ou no mínimo o território missioneiro, da antiga província do Paraguai, e pela tradicionalidade eles requerem as áreas com mata nativa, que ainda comportam os elementos essenciais para o desenvolvimento de seu modo de vida ou “sistema de Guarani”, mas nem sempre são reconhecidos pelos órgãos públicos em razão de que as áreas de preservação se encontram também nos mesmos ambientes.

As aldeias Guarani trazem muitas informações a respeito do uso dos espaços na paisagem e também das transformações que esses indígenas fazem nas áreas que ocupam, para que estas se aproximem ao máximo daquilo que eles consideram um lugar ideal para se viver.

Durante a pesquisa na Serra do Tabuleiro, pude observar na aldeia de Cachoeira dos Inácios, localizada no município de Imaruí, a reconstituição da mata atlântica feita pelos Guarani que ali estão. Essa terra foi comprada para eles em função de uma compensação pelo impacto causado pelo GASBOL numa área ocupada pelos índios, e essa área foi escolhida para ser *tekoá*, devido à localização do rio Una, que corta a área ao meio, o que para os Guarani é importante elemento simbólico para a consolidação da sociedade no ambiente. No entanto, essa área comportava uma grande mata de eucalipto, já que pertencia a uma madeireira. Essa árvore não é considerada boa pelos Guarani, que a cortaram e venderam, replantando em seu lugar espécies nativas da mata atlântica e que têm valor simbólico e econômico para a população Guarani.

A recuperação da mata em Cachoeira dos Inácios ainda não está concluída, mas vem crescendo gradativamente, já que os Guarani têm se empenhado em buscar as mudas e sementes mesmo que em lugares bastante distantes dali. O que se pode perceber é a importância dessa paisagem na vida cotidiana dessas comunidades, bem como a construção antrópica desses ambientes, que por si só jamais se daria. Disso podemos salientar que a variedade de flora e fauna dessas áreas vistas como de preservação ambiental tem mão humana para que consigam se desenvolver plenamente, pois o homem faz parte dessa natureza.

Essas informações obtidas etnograficamente podem ser muito úteis na análise de um sítio arqueológico, pois são levados em consideração

todos os cuidados já salientados anteriormente para que não se faça uma analogia direta dos dados obtidos na observação etnográfica e os elementos arqueológicos observados. Porém, além de auxiliar no estudo das sociedades do passado, a relação com os indígenas no presente também pode trazer à tona informações sobre a apropriação patrimonial desses vestígios do passado para as populações do presente. Os Guarani costumam associar esses vestígios às “aldeias dos antigos”, e não é incomum fazerem diferenciações étnicas daquilo que pertenceu aos Guarani e aos “outros índios”, bem como a importância dada a esses materiais como provas da antiguidade de populações indígenas e mesmo como elementos educativos para seus filhos, do manejo do ambiente e de como outras populações o fizeram no passado, pois os Guarani, assim como outros povos, costumam pesquisar o espaço onde vivem e o fazem com bastante minúcia.

Segundo Cunha (1987), é comum entre os povos indígenas a resignificação dos mitos e nunca o seu abandono. Isto é, se alguma profecia não se realiza conforme a mitologia prevista, isto seria por motivos alheios, algo estranho que interferiu no andamento natural do universo mas que não pode mudar as leis divinas, que serão reinterpretadas e continuarão guiando os passos da sociedade indígena, muitas vezes sendo reforçadas pelos processos aculturativos³.

O abandono de uma casa e/ou a saída de uma comunidade pode ter relação com vários fatores, principalmente o sonho de algum *karai* ou de alguém da família, bem como com tragédias ocorridas com alguém da família, como a morte por acidente ou doença. Esses sonhos são associados a “mensagens” enviadas por *Nanderu* e pressagiam alguma coisa, que pode ser boa ou ruim, e isso leva os Guarani, principalmente os Mbyá, a estar sempre em movimento.

As migrações de aldeias inteiras de Guarani são tradicionais em sua cultura há séculos. Já nos relatos dos viajantes após a conquista, há informações sobre essas caminhadas e mesmo os vestígios arqueológicos indicam o hábito dos Guarani de conquistar novos territórios, sobrepondo-se às outras culturas ali existentes.

Seja em busca de novos territórios propícios a desenvolver seu modo de vida, conquistado muitas vezes pela guerra contra outras tribos, seja em função de alguma tragédia, seja pela busca da Terra sem Males, que seria um paraíso místico ocupado pelas divindades, onde os Guarani poderiam entrar, mesmo sem estar mortos, desde que mantivessem em sua vida diária certos critérios identificados como um

³ Ver por exemplo, o artigo: Lógica do mito e da ação: o movimento messiânico canela de 1963. In: CUNHA, 1987.

modo de viver tipicamente Guarani⁴, vivem circulando dentro de um amplo território, onde desenvolvem um modo de ser típico, que têm classificado como *mbyárekome* – amplo espaço territorial ocupado pelos Guarani que mantêm hábitos semelhantes, mesmo que entrecortado por outras sociedades.

A crença na terra sem males se mantém até os dias atuais, porém cada vez mais os Guarani vêem suas profecias não sendo realizadas, no entanto os mitos se recriam e se reconstróem para permanecerem vivos dentro do controle cultural do grupo.

A própria localização da casa de reza – *Opý* – ou da casa dos Mbyá está relacionada a esses sonhos e à cosmologia. Quando é escolhido um lugar na aldeia para a construção da casa, este em geral se posiciona com a porta voltada para o leste, o lugar de *Nãnderu*, ou o caminho da Terra sem Males – *yvy maraney*.

Os relatos dos Guarani, principalmente de lideranças religiosas, são bastante ricos nessas informações, porém a própria observação da ocupação faz refletir. Em acampamentos de beira de estrada a ocupação do espaço é mais restrita, portanto esses posicionamentos ficam prejudicados, no entanto esses acampamentos estão dentro da lógica Guarani de ocupação territorial, a estrada também faz parte do modo de vida, mas é um espaço reconhecido como transitório, de quem está em viagem, não é “lugar para criar família”. É muito mais para a atividade do comércio, que enfim está hoje em dia fortemente enraizada na cultura indígena. Mas o que se percebe é uma relação diferenciada com esse comércio, não é algo nos moldes capitalistas, mas sim uma transformação de hábitos antigos de trocas e reciprocidades, em atividades contemporâneas. O comércio se faz necessário para a subsistência das famílias, já que nos dias atuais os Guarani, assim como a maioria dos povos indígenas, não conseguem mais sobreviver somente do que produzem em suas aldeias, e para eles a comercialização, ou troca de mercadorias por outros bens produzidos por outros povos, é algo historicamente comprovado, não havia problemas no período pré-colonial, assim como nos registros coloniais, de se fazer trocas entre produtos que interessavam ao grupo e eram produzidos por outro. Mas essas trocas entram num complexo relacionamento cultural de reciprocidade e dádiva, comum em sociedades tribais.

⁴ Kátya Vietta, em sua dissertação de mestrado, descreve o *Yrovaiguá* (Terra sem males), como sendo “o mundo usufruído pelas divindades e pelos antepassados. Não existe nenhuma possibilidade de acesso a qualquer outro indivíduo que não pertença ao universo social ou sobrenatural Mbya. Nele, existe uma grande aldeia, inserida em uma imensa área de mata, onde é possível vivenciar, na plenitude, o *sistema de Guarani*, sem as limitações enfrentadas no *Mbya reta*” (VIETTA, 1992, p. 129).

Dessa forma, o comércio Guarani atual ainda permanece dentro dessa lógica; vê-se isso pelo fato de que os produtos não têm um preço único, assim como a negociação de preços é não só possível como prática comum, já que não há uma margem nítida desses preços. Os produtos ficam expostos na estrada, numa relação de comércio, mas quando se está nas aldeias estes também são oferecidos aos visitantes numa proposta de relação recíproca, às vezes como presente. Algo interessante é que o destino do dinheiro ganho com a venda do artesanato é quase imediato: assim como entra, sai rápido, pois serve para as compras diárias de produtos alimentícios, roupas e artigos de consumo em geral. Não há preocupação em guardar dinheiro, é uma relação de troca imediata.

Essa forma de ser e essa identidade vem sendo gradualmente reformulada e atualizada conforme as necessidades com as quais essa sociedade se depara, e mesmo hoje, em pleno século XXI, o universo cosmológico Guarani continua regendo seus atos e suas crenças, presente nos seus mitos, nas rezas, nos sonhos, na palavra dos Guarani e transposto como antes na sua arte, no seu cotidiano através da cultura material produzida, mas esses objetos são produzidos hoje e têm caracteres afins com a sua atualidade; os que foram produzidos no passado pertencem a esse passado.

Embora atualmente tenham acesso à escolarização e a palavra escrita esteja sendo incorporada ao grupo, a memória e a oralidade continuam sendo as verdadeiras palavras dos Guarani, já que é ali que se encontra sua história, seu verdadeiro “sistema de Guarani”, e a palavra escrita é sempre vista como “coisa de branco”, mas que é útil a eles para interagir na sociedade brasileira. Essa identidade étnica, atual, em que o Guarani quer participar politicamente das ações do Estado dizendo quem ele é e o que quer, não é novidade, e sim mais uma vez a forma como essa sociedade reconstrói sua cultura e garante o controle cultural que o tem mantido vivo como grupo e com identidade própria, preservando a língua e seus costumes através do tempo.

Segundo Melo (2000), os casamentos interétnicos entre Mbyá e Chiripá são bastante comuns e em alguns casos fica difícil distinguir as famílias dos dois grupos, pois existem antepassados comuns entre eles, principalmente nos Mbyá e Chiripá do sul do Brasil, pois as famílias Mbyá vindas no início do século XX para o Rio Grande do Sul foram sendo incorporadas a aldeias Chiripá que nunca haviam deixado seu território, e assim, por alianças de casamento foram sendo remetidos a um mesmo passado comum.

Tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina encontramos essas duas parcialidades Guarani, que convivem num

mesmo ambiente. Há indícios de uma sobreposição étnica Mbyá sobre a etnia Chiripá (Ñandeva), que já se encontrava no território, atualmente ocupado pelas duas etnias.

Segundo informações do ISA⁵,

três aspectos da vida guarani expressam uma identidade que dá especificidade, forma e cria um “modo de ser guarani”: a) o *ava ñe'ë* (*ava*: homem, pessoa guarani; *ñe'ë*: palavra que se confunde com “alma”) ou fala, linguagem, que define identidade na comunicação verbal; b) o *tamõi* (avô) ou ancestrais míticos comuns e c) o *ava reko* (teko: “ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito”) ou comportamento em sociedade, sustentado em arsenal mítico e ideológico. Estes aspectos informam ao *ava* (Homem Guarani) como entender as situações vividas e o mundo que o cerca, fornecendo pautas e referências para sua conduta social (SUSNIK, 1980, p. 12).

No entanto, as três parcialidades Guarani já mencionadas, que vivem no Brasil, no Paraguai e na Argentina, possuem diferenças nas suas formas lingüísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, assim como formas específicas de interpretar a realidade vivida e de interagir segundo as situações em sua história e em sua atualidade. Isso significa que etnicamente são grupos diferentes, que, embora aparentados muitas vezes por alianças de casamentos, alimentam tensões sociais, que se materializam no cotidiano. Porém, diante de impactos maiores, como a questão da demarcação de territórios, obras públicas e demais relações com a sociedade nacional, essas etnias assumem uma ação colaboradora e intensificam a identificação como Guarani acima de todas as outras identidades. Segundo Mordo (2000, p. 26), a identidade dos Guarani, mesmo se confrontando com a sociedade moderna atual, se vê reforçada no seu cotidiano, pela vigência dos mecanismos tradicionais que intensificam a coerência da existência coletiva, sendo que a reprodução cultural funciona de forma ativa em todas as instâncias da vida desses indivíduos. E Oliveira nos diz que:

La identidad étnica [...] no puede ser definida en términos absolutos, sino únicamente en relación a un sistema de identidades étnicas, valoradas en forma diferente en contextos específicos o en sistemas particulares (OLIVEIRA, 1976, p. 9, apud BONFIL BATALLA, 1986, p. 15).

⁵ Instituto Socioambiental – www.isa.org.br / Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil, 2001.

É importante ficarmos atentos também para algumas questões levantadas por Lévi-Strauss (1970): a cultura, assim como a história, se dá por combinações, trocas. Quando há a interação entre sociedades diferentes, seja da forma que for (comércio, guerra, aliança, etc.) há trocas culturais inevitáveis. Portanto, não poderia haver culturas superiores, senão essas trocas não seriam válidas. E esse suposto progresso ditado pela sociedade ocidental está de certa forma inteiramente ligado a essas trocas; está envolto nesse duplo sentido entre os dominantes e dominados, entre a unificação e a diversidade, e só acontece porque há a diversificação cultural. Infelizmente esse progresso acabou sendo entendido pelas classes dominantes não como algo dinamizador das interações socioculturais, mas como o criador das desigualdades sociais.

Por isso é importante entender as relações que os Guarani têm com esse espaço físico e simbólico e com o seu modo próprio de entender o mundo e transformá-lo, para entender o significado das transformações causadas pela implantação de grandes projetos e obras públicas no interior de suas aldeias, ou próximo a elas, assim como a criação das áreas de conservação ambiental que os excluem do projeto e da terra em que vivem, e que trabalham com um aparato burocrático e institucionalizado que difere de sua visão de mundo, mas que acaba sendo estudado pelo grupo, em busca de uma compreensão do evento, na atual conjuntura sociopolítica, como uma forma de amenizar os impactos interétnicos que o grupo vem vivenciando.

Segundo Hoffmann (2004, p. 42),

cada povo e cada cultura possui seu modo próprio de ser, construído historicamente na forma de relacionamento entre seus semelhantes e de enfrentamentos da natureza. Portanto, cada povo, de distintas culturas, constituiu e constitui uma sabedoria através dos tempos, com especificidades e diferenças.

Assim se dá no contexto dinâmico das identidades Guarani, em que se pode perceber que, embora haja vários grupos convivendo num mesmo território, sejam eles Guarani ou não, estes possuem o seu próprio modo de ser e o transmitem às novas gerações, que mantêm esse “modo de ser”, no seu cotidiano, preservando a identidade.

Pôde-se perceber isso ao contatar com a família de D. Rosalina Moreira, Guarani de nascimento, filha de um dos primeiros moradores do Morro dos Cavalos, em Santa Catarina. Embora casada com um homem “branco” e vivendo na vila da Praia de Fora, em Palhoça, mantinha hábitos e um jeito de encarar o mundo tipicamente Guarani.

Seus filhos, que vivem no entorno de sua casa, seguem o mesmo modo de vida e se identificam como descendentes dos Guarani do litoral, assim como D. Rosalina fala com orgulho de seu passado no Morro dos Cavalos, junto ao pai e os irmãos. Mesmo depois de casada, voltou a morar junto a sua família Guarani e ainda preservou a terra conquistada por seu pai, quando este faleceu, aguardando para mudar-se com sua família, que outros Guarani viessem para “não perder a terrinha que nosso pai fundou”⁶.

Conforme já indicado acima, torno a referir que não existe uma só identidade Guarani, mas muitas identidades, que extrapolam, inclusive, as diferenças existentes entre as parcialidades do grupo – Mbyá e Chiripá, por exemplo. Essas identidades se referem a diferenças de categorias internas e externas, como gênero, idade, *status* social, religiosidade, etc., bem como a territorialidade.

Dialogando com Artur Benite, cacique do Morro dos Cavalos, constatou-se a grande complexidade da identidade Guarani, conforme nos informou e foi corroborado por André Benites, que também indicou algumas formas de menção a essas identidades dentro do grande grupo Guarani. Informo aqui algumas delas, conforme nos foi relatado: existem os *Mbyá’i*, os *Pa’í* (ou Paim), os *Tembeopé* (referência ao tipo de roupa tradicional usada pelos Mbyá, que também são chamados Batecola, no Paraguai), os *Irari*, que estão relacionados ao território, ao lugar de onde vêm, que se chama *Yvyrari*, assim como os *Iraity*, que estão relacionados ao lugar conhecido como *Yvyraity*⁷.

Esses lugares – *Yvyrari* e *Yvyraity* – são relativos a regiões do grande território Guarani, e as pessoas relacionadas com esses territórios acabam sendo classificadas como etnicamente diferenciadas daqueles que não pertencem a esses territórios, embora todos sejam Guarani. Da mesma forma, aqueles indicados como *Mbyá’i*, segundo nossos informantes – Artur e André, que são Mbyá – sejam associados aos Chiripá (Ñandeva), que é uma outra parcialidade Guarani, que neste caso do litoral catarinense, está associada aos Mbyá em função de uma sobreposição territorial e a casamentos interétnicos. No entanto esse grupo, que está compondo principalmente a área da Cambirela,

⁶ Conforme entrevista realizada com Rosalina Moreira e família, na Praia de Fora, Palhoça, SC, no dia 25/01/2006.

⁷ Conforme entrevista realizada com o cacique Artur Benite, na T. I. Morro dos Cavalos, Palhoça, SC, em 21/01/2006, e entrevista com André Benites, na área da Cambirela, Palhoça, SC, em 24/01/2006. É importante salientar que Morro dos Cavalos se encontra dentro da área do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, assim como a Cambirela, no entanto a aldeia de André está na margem da BR-101 e não é identificada como T. I., mas ambas, bem como as outras áreas Guarani, percebem a mata atlântica como *Mbyá retã*.

constitui-se no momento um tanto marginalizado, pois não possui território demarcado nem identificado. Alguns estão dentro das áreas identificadas, como Morro dos Cavalos e Mbiguaçu, como matriz dos primeiros fundadores das aldeias, e outros estão na periferia da BR-101, vivendo em áreas irregulares, buscando afirmação étnica e a consolidação de seu território dentro do grande território Guarani.

Diante da breve exposição aqui de algumas características culturais dos Mbyá Guarani, ligadas à ocupação do espaço de suas aldeias e território reconhecido como *Mbyá retã*, concluo ser importante, para aprofundar o conhecimento sobre essa sociedade indígena, procurarmos conhecer melhor seu mundo cosmológico e sua relação com a natureza, de forma a entendermos o manejo ambiental realizado por eles como práticas conservacionistas da natureza, tão essencial para o desenvolvimento de sua cultura e identidade, desde os tempos de seus antepassados. Mas creio ser também importante reconhecermos como a identidade cultural e étnica de um povo vai sendo construída ao longo da sua história, pois é essa identidade que vai indicar o patrimônio cultural que deve ser preservado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BALANDIER, George. *Antropologia política*. São Paulo: EDUSP, 1969.

BARÃO, Vanderlise Machado. *A escola indígena e o poder de Estado: construção de uma identidade étnica entre os Mbyá Guarani*. Porto Alegre, 2005. Dissertação [Mestrado em História Ibero-Americana] – PPGH / PUCRS.

BONFIL BATALLA, Guillermo. La teoría del control cultural en el estudio de procesos étnicos. *Anuário Antropológico 86*. Brasília: Ed. da UNB, 1986.

CABRAL, Mariana Petry. *Sobre coisas, lugares e pessoas: uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores no sul do Brasil*. Porto Alegre, 2005. Dissertação [Mestrado] – PUCRS, 2005.

CÁRDENAS, D.; POLITIS, G. Territorio, movilidad, etnobotánica y manejo del bosque de los Nukak Orientales, Amazonia Colombiana. *Informes Antropológicos 3*, Universidad de los Andes, Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas SINCHI. Santafé de Bogotá, Colombia, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense: 1987.

DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore Roipota Yvy Porá "Nós queremos terra boa": territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina – Brasil*. São Paulo, 2004. Tese [Doutorado] – PPGCS / PUCSP.

_____. *Tekoá vy'a porá: Terra Indígena Morro dos Cavalos – Palhoça, SC*. UFSC – Museu Universitário Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral, Laudo Antropológico e laudo Agrônomo. Ilha de Santa Catarina, julho de 2004.

DARELLA, Maria Dorothea Post; LITAIF, Aldo. Os índios Guarani Mbyá e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 21. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”. Brasília, julho de 2000.

DARELLA, Maria Dorothea Post; GARLET, Ivori J.; ASSIS, Valeria S. de. Estudo de impacto: as populações indígenas e a duplicação da BR-101, trecho Palhoça / SC – Osório / RS. Florianópolis; São Leopoldo, 2000.

DEMASI, Marco Aurélio Nadal. Mobilidade de caçadores-coletores pré-históricos da costa sul-brasileira: Ilha de Santa Catarina, um estudo de caso. In: KERN, A. A.; HILBERT, K. *Arqueologia do Brasil Meridional*. Porto Alegre, PUCRS, 2002. Arqueologia virtual. 1 CD-ROM.

DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREITAS, Ana Elisa de Castro; BARÃO, Vanderlise; RIBEIRO, José Carlos. *Estudos complementares ao EIA-RIMA referentes ao componente indígena voltado ao processo de licenciamento ambiental do sistema de reforço eletroenergético à Ilha de Santa Catarina e litoral catarinense*. Porto Alegre: Neocorp Consultoria, março 2006.

GARLET, Ivori J. *Mobilidade Mbyá: história e significação*. Porto Alegre, 1997. Dissertação [Mestrado em História] – PPGH, PUCRS.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Estar allí: la antropología y la escena de la escritura*. In: _____. *El antropólogo como autor*. Buenos Aires: Paidós, 1989.

HOFFMANN, Ângela Ariadne. *Karai Nhe'e Katu: discussões em torno da escola em uma comunidade Guarani*. São Leopoldo, 2004. Dissertação [Mestrado] – PPGEduc, Unisinos.

LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila. *Terras Guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka'agüy oreramöi kuéry ojou rive vaekue ý*. São Paulo: CTI, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: COMAS, Juan et al. (org.). *Raça e ciência*. São Paulo: Perspectiva, 1970. v. 1.

MELLO, Flávia Cristina de. *Aata tapé rupý – seguindo pela estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias Mbyá e Chiripá Guarani no Sul do Brasil*. Florianópolis, 2001. Dissertação [Mestrado] – PPGAS, UFSC.

MONTEIRO, John M. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luis D. B. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Global, MEC, MARI, UNESCO, 1998.

MORDO, Carlos. *El cesto y el arco: metáforas de la estética Mbyá – Guarani*. Asunción: CEADUC, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. In: SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luiz D. B. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Global, Brasília, MEC, MARI, UNESCO, 1998.

_____. Redimensionando a questão indígena no Brasil: um etnografia das terras indígenas. In: _____. *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais*

no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

_____. *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*: seguido de *Grupos étnicos e suas fronteiras* de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luiz D. B. *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global, Brasília, MEC, MARI, UNESCO, 1998.

RIOS, Aurélio Veiga. Terras indígenas no Brasil: definição, reconhecimento e novas formas de aquisição. In: LIMA, A. S.; HOFFMANN, M. B. (org.). *Além da tutela*: bases para uma nova política indigenista III. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2002.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHWARTZMAN, Steve. Desenvolvimento, meio ambiente e povos indígenas. *Tempo e Presença*: revista mensal do CEDI. Rio de Janeiro, n. 330, maio 1988.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas*: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, José Otávio C. de. A visibilidade insólita dos Mbyá-Gurani. In: _____. *Aos “fantasmas das brechas”*: etnografia, invisibilidade e etnicidade de alteridades originárias no sul do Brasil (Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 1998. Tese [Doutorado em Antropologia Social] – PPGAS, UFRGS.

VIETTA, Katya. *Mbyá: Guarani de verdade*. Porto Alegre, 1992. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] – PPGAS, UFRGS.

ANEXOS



Área Guarani de Morro dos Cavalos – SC



Área Guarani Cambirela SC, lugar identificado como patrimônio. Encontram-se vestígios arqueológicos líticos nas proximidades.



Área Guarani de Cachoeira dos Inácios, Imaruí, SC. Antiga mata de eucaliptos, sendo restaurada atualmente por mata nativa pela comunidade indígena. Aqui, casa de Seu Augusto da Silva e seu cultivo de palmeiras *pindó*.